

A VOZ DE MELGAÇO

CARLOS ANTONIO VAZ

Chefe da Redacção e Editor

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Redacção e Administração interinas — Resid. Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão: «Empresa do Diário do Minho, L.ª» — Braga
Avença

Director e Administrador:

JÚLIO HILÁRIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 30\$00

Assinatura Anual para o Estrangeiro: 70\$00

ANO XX — N.º 346

Melgaço, 1 de Fevereiro de 1966

«ACTUALIZAÇÃO»

Por Júlio Vaz

Datam de Agosto de 1956 os «Imprimatur» e «Nihil obstat» que incidiram, por parte da autoridade eclesiástica, sobre o novo livro do P.e Júlio Vaz, e que, interpretando as necessidades do momento ecuménico, pôs o título de Actualização.

São perto de 250 páginas (Edição do Autor e distribuída pela Livraria Sampedro Editora, de Lisboa, e de óptima apresentação).

Trata-se de um estudo, profundo, recheado de citações, bibliográficas, em prosa tersa a que não falta a clareza de um estilo de pura exegese e que nem de longe roça os perigos a que muitas vezes está sujeita a erudição — um estudo sobre os Seminários como ponto de partida de formação de sacerdotes para a missão nobre a que se destinam.

Resalta, primeiro, a natureza dos conhecimentos do autor, e postos sem soberbância, antes filiados em puras tentações de contribuir para a obra ingente que está na base desses alfobres de apóstolos. Talvez por isso muitos possam adivinhar na doutrina de tantas páginas, em boa seriação a característica que debruza toda a doutrina, que parecendo ousada, não passa dos limites da ética e da moção das encíclicas e pastorais.

Avulta ainda, do viso doutrinar que dá a encenação principal a esta obra carregada de mensagens e de intuitos salutareos, uma como que espécie de profetismo que faz com que precedesse o próprio signo do Concílio Vaticano II — a servir de cartilha, portanto, a tantos que se debruçaram no mais alto nível, sobre a Formação Sacerdotal.

Dependente da Igreja o sinal para 'novos moldes de comportamento social para os séculos mais próximos — para homens e para a sociedade — também não se pode prescindir do valor-padrão como pedra angular do edifício que se pretende erguer sobre caboucos bem cimentados.

Numa palavra: — o P.e Júlio Vaz, escritor e jornalista de verve privilegiada e a que não falta um sentido de inspiração que lhe advém da unção sacerdotal que segue como um peregrino a esteira de um sol que o alumia e aquece, dá-nos, neste livro, a cúpula de um triptico de arte literária que teve seu início em «O Caminho do Apostolado» — que trata dos problemas sérios de apostolado no meio agrário, com rebençações sem nada de perifrástico mas que se distendem a todas as juventudes — e tem, no meio, como prata a ourelar um retábulo, «A Luz das Encíclicas, Ordem e Bem Estar», este de colaboração com o engenheiro Armando Correia, um dos valores mais actuais das modernas gerações.

«Actualização» é um livro do momento, Actual, como a luz que, quotidianamente, incide sobre a negrura dos nossos caminhos de tranviados ou esquecidos — no que se refere à necessidade de mudar de rumo em tanta coisa (que não queremos sintetizar) para uma melhor ordenação de meios e processos com vista a uma me-

(Continua na 4.ª página)

O TOMBO DE LAMAS

- [] RECTIFICAÇÃO
- [] PROCESSO DEMORADO
- [] SACRÁRIO VAZIO

Quem se dedica a estas coisas sabe muito bem como um pequeno descuido ao determinar o sentido exacto de uma palavra, por vezes bem simples, pode alterar notavelmente a ideia de uma frase. Foi o que aconteceu ao autor destas linhas no artigo anterior subordinado ao título em epigrafe. Cumpre, pois, rectificar a afirmação feita e deixar bem claro que em 1784-85 se organizou pela primeira vez o *tombo completo* de Lamas, existindo anteriormente apenas cópia da demarcação, que só por si não passa, em qualquer caso, de

Continua na 4.ª página

Carta da Vila



P.e Júlio Vaz

BOM EXEMPLO — Tivemos a notícia de que o Senhor Dr. Adriano Marques, filho do saudoso Sr. António Marques (conhecido pelo Abanero) e da Sr.ª D. Maria Esteves Magalhães Marques, que residem em Puentes Barjas (Espanha) todos os anos pelo Natal envia directamente da sua fábrica, instalada na cidade de Vigo e onde reside, 30 cobertores e 50 camisas para a sua mãe distribuir pelos pobres da povoação fronteiriça de S. Gregório.

Há dias por intermédio do nosso amigo e assinante Sr. Armando Gonçalves, funcionário

da Secção de Finanças deste concelho, chegou ao lugar de Paçó — freguesia de Rouças apenas uma camisa, a única que se encontrava em casa do bondoso benfeitor, pois foi bem aceite porque foi para contentar um pobre daquele referido lugar, e o restante foi distribuído pelos pobres de S. Gregório.

Pena foi terem-se esgotado os cobertores, pois o mesmo pobre da freguesia de Rouças a quem foi entregue a referida camisa bem estimava um cobertor para a sua cama, mas ficará para a próxima, ocasião, se for possível

Oxalá que seja imitado este amigo e benfeitor, pois dar aos pobres é emprestar a Deus.

PELO NOSSO HOSPITAL

Não correm bem as coisas para a construção do novo hospital.

Fizemos o que nos foi possível para que da nossa parte e, na hora precisa, nada faltasse. Adquiriram-se os terrenos, para o que a Direcção Geral da Assistência nos deu 50.000\$00, fizeram-se dois cortejos, para que a verba exigida, estivesse pronta.

Não sabemos bem por que, a planta do novo edifício tarde chegou a Lisboa, se ali já está. O Ministério das Obras

Públicas chegou a dizer-nos que possivelmente seríamos comparticipados em 1963 ou 1964.

P.e CARLOS

E quando tudo estava pronto, quando só faltava dizer-se-nos o dia para o lançamento da primeira pedra, surgem-nos a triste nova: — esperem. Depois outra: — o novo hospital não é viável. (Esta medida estende-se a todos os hospitais sub-regionais do país).

* * *

Não compreendemos. Quando na Província, o Povo quer trabalhar, é pena se não ajuda, como aliás estava prometido. Mais: — agora, se quisermos fazer as obras, serão todas à custa da Misericórdia, sendo a planta aprovada em Lisboa. Isto é, não só se não ajuda como até se podem pôr certos entraves.

Nós compreendemos que se deve certa prioridade a algumas obras, mas quando havia uma espécie de compromisso, quando, sob a alta presidência de dois Senhores Governadores Cívicos, se lançou o Povo para a realização de dois cortejos, quando já havia a promessa de participa-

(Continua na 3.ª página)

CASAMENTOS — No passado dia 16 realizou-se na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial da nossa conterrânea menina Maria Ludovina Rodrigues, filha do Sr. Manuel António Rodrigues, e da Sr.ª Clarisse de Lurdes Meixeiro, já falecida, com o Sr. Bento Júlio Gonçalves, do lugar do Barral, freguesia de S. Paio, filho do Sr. Júlio Gonçalves e da Sr.ª Aida Gomes.

Foram padrinhos o Sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, ilustre Director do nosso prezado colega de imprensa «Notícias de Melgaço» e sua esposa D. Margarida Esteves Ferreira da Silva.

No fim do acto o cortejo nupcial dirigiu-se para o Solar da Quinta de Eiró gentilmente cedido pelo seu proprietário Sr. Ferreira da Silva, para ali ser oferecido um lauto jantar, ao grande número de convidados.

Ao gentil casal que é dotado das melhores qualidades e simpatia, desejamos muitas felicidades.

Também no mesmo dia se realizou na Igreja Matriz desta vila o casamento do nosso conterrâneo, Sr. Armando Arnaldo de Castro, filho do Sr. José de Castro e da Sr.ª Júlia da Ascensão Trancoso, desta vila, com a menina Teresa Maria da Silva Saraiva, filha do Sr. Manuel Saraiva e da Sr.ª Maria da Silva, naturais de S. Paio — Pico de Regalados, Vila Verde.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o S. Rodolfo Fernandes e sua filha menina Susana Fernandes, por parte da noiva, seus tios Sr. Ilídio Lourenço e esposa Sr.ª Rosa Saraiva.

No fim do acto os noivos e convidados dirigiram-se para o Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários, onde foi servido um lauto jantar.

Ao gentil casal desejamos-lhe muitas felicidades.

— No Santuário de Nossa Se-

(Continua na 3.ª página)

CORRESPONDÊNCIA DE PRADO

Cbegadas e Partidas — Depois de passar as festas do Natal e Ano Novo, junto de sua família, regressou da cidade do Porto a senhora D. Maria Amélia Vaz Pinheiro.

—Partiram para França, José Ribeiro, António de Sousa Lobato e filho, Claudio da Rocha, Emidio Marques, Armando Araújo, António Domingues, esposa, filhinho e sogro.

Casamento — No passado dia 23, realizou-se no Mosteiro de Santa Rita o enlace matrimonial do sr. Amaro Gonçalves com a menina Evangelina da Rocha, ele filho de Luís Gonçalves, falecido e de Idalina Gonçalves; ela filha de Rafael da Rocha e de Conceição Domingues. Findo o acto religioso, regressaram a esta freguesia, sendo-lhes servido em casa dos pais da noiva um lauto jantar a todos os convidados. Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades, desejamos as maiores felicidades. — M. S.

Banco Fernandes de Magalhães

PORTO

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 23 a 39
Tel. 755 MAGA - PORTO — End. Teleg., MAGA
Telefones, 28241 (5 linhas)

DEPENDENCIAS

R. Sá da Bandeira, 17 a 19 — Telef. 28241

«S. BENTO» Rua das Flores, 332 Telef. 21861
P. Almeida Garrete, 6

«BONFIM» Rua Fernandes Tomás Telef. 28241
(Edifício Ouro) 53452

CORRESPONDENTES

em todo o País, Ilhas, Ultramar e no Estrangeiro

UMA DAS MAIS ANTIGAS ORGANIZAÇÕES
BANCARIAS DO PAIS

Viagens para França

SAIDAS TODAS AS SEMANAS
MELGAÇO-PARIS Segundas e Quintas
PARIS-MELGAÇO Segundas e Quintas

Informações:

Melgaço: João Hilário Gonçalves
Casa Samaritana — Telefone 42308

Monção: José Torres
Escritório da Auto Viação Melgaço
Telefone — 106

Arcos de Valdevez: Salvador Alves Pereira
Garagem Salvador — Telef. 45116

Paris:
Agence Centrale
37 Bd. Henri IV — Paris 4.
Telefone 272.65.24 — Métro Bastille

CORRESPONDÊNCIA

Já há bastante tempo que não dou notícias da minha freguesia apenas com o único fim de atrair ao meu lugar outro que desse mais rendimento. A nossa freguesia é rica em estudantes, alguns já diplomados e também não menos rica em aposentados de várias classes. Mas nenhum destes quer ter a boa vontade e disposição de trabalhar pelo bem comum desta freguesia e tomar o meu lugar?

Vou começar a dar notícias para todos os amigos de «A Voz de Melgaço», espalhados pelos quatro cantos do globo.

Ainda e sempre as nossas feiras — Sua distribuição — *Vantagens e prejuizos que elas causam* — No primeiro e segundo caso já todos nós aqui sabemos que é o reverso da medalha; no terceiro caso não se pode negar a verdade nua e crua. Há dias caminhando pela estrada nacional nestes limites e em dia de feira (esta freguesia é privilegiada do gado em Paderne mas em prejuizo de muito povo), e passavam alguns feirantes com gados para a venda e eu, como sempre, fui amigo da curiosidade (porque os meus olhos e miolos já mais paralizaram, só quando durmo), perguntelhes se estavam contentes em ir tão longe, expostos a toda a sorte de prejuizos, cansaças e caminhar a longas distâncias, com a incerteza ainda (e esta é a pior) de sim ou não fazer negócio, depois de haver aqui na nossa freguesia magnífico recinto junto à estrada nacional e apenas à distância de pouco mais de trinta metros. Eu respondi-lhes: Pois aguentem-se, porque eu já apelei para as nossas autoridades paroquiais, por meio deste jornal, e hinguém me apoiou; tudo ficou calado. E' sinal que estão contentes e portanto a nossa queixa não lhes interessa.

O fiel amigo — Já se acabou a remessa do (Natal e agora o povo procura o que não há; mas como agora há mais umas coroas, come-se a valer e então este bom povo já o tem dentro de si e pode esperar tranquilo por nova re-

messa, ainda que demore algum tempo. Importante. Agora já os retalhistas do género arrumaram as facas de o cortar; já lhes não interessam os consumidores que não passe de quilo e já não gastam papel de embalagem: uma corda bem segura e lá vai o fiel amigo à vista de todos, abrindo o apetite aos transeuntes...

Placa indicativa na estrada nacional com o nosso estradão — Bela iniciativa de quem de direito tomou a iniciativa, pois há muito que era desejada, porque não fazia sentido nenhum ser ali um empalme de estradas e não indicar se seguiam para a Espanha ou para França. Agora já se sabe onde fica Chaviães, sua igreja e cemitério.

Falecimentos — No pretérito dia 9, faleceu no lugar da Nozueira o sr. Manuel L. Domingues, de 88 anos de idade, viúvo, proprietário. Era pai da senhora D. Maria L. Domingues e do sr. Manuel Domingues. Deslocaram-se de França a sua neta Flora H. de Araújo e seu marido José, com o único fim de assistirem aos últimos momentos da sua vida. Belo gesto e um bom exemplo de amor filial. A sua morte foi muito sentida por sua família e por todas as pessoas das suas relações.

—Também faleceram neste mês os srs. António S. Alves, de 43 anos, do lugar da Portela e a sr. Ludovina R. de Castro, do mesmo lugar.

Que descansem em paz.

—O tempo corre tespestuoso nesta altura, mas também traz os seus benefícios. O rio Minho leva grande caudal, o que dá a indicar boa colheita de lampreias e assim estão de parabéns os nossos pescadores, são exímios nesta qualidade de desporto. — C.

ALFREDO LOURENÇO DO PAÇO

Ocorreu o aniversário natalício deste nosso amigo e preado colaborador em 29 de Janeiro.

Nossos parabéns.

Rouças, 12

(Atrazada na Redacção)

Na última correspondência que fizemos, esqueceu-nos mencionar o falecimento da sr. Ana de Oliveira, da Vinha de Cima, do que pedimos desculpa.

A sr. Ana já há muito que vinha sofrendo e sempre com uma grande resignação cristã. Era pessoa muito caritativa, esmolera e sobretudo amava a paz. Todos os vizinhos sofreram muito com a sua perda.

— Também há dias faleceu nos Carvalhos a sr. Rosa Esteves, que a todos nos deixou um grande exemplo de conformidade absoluta com a vontade de Deus, suportando a cegueira, que nos últimos anos a torturou, com uma paciência cristã.

Os dois funerais foram muito concorridos, a pesar de no último chover torrencialmente durante todo o percurso.

Também na igreja, para a prece colectiva de todos, foram muitos os amigos da família que ali se encontravam.

— Em Lisboa, na paróquia de S. Lourenço de Carnide, uniu-se em matrimónio a menina, Maria Magdalena Alves, filha do sr. António Manuel Alves, do Crasto e de Joraci Augusta de Sousa.

— Em França, o sr. Arlindo de Jesus Cubelo, de Paçô, com uma menina de Espanha.

— E em Vigo, está para breve o casamento da menina Mercedes Cubelo, também de Paçô. A todos desejamos uma vida muito feliz, com as bênçãos de Deus.

— O cemitério novo da nossa freguesia vai fazer-se junto da igreja numa propriedade do sr. Manuel Cunha e de Sua Esposa, sr. D. Maria Esteves Cunha, estando a Junta para tal, a realizar a respectiva compra.

— O tempo tem estado muito chuvoso, o que atraz bastante os trabalhos de poda das videiras.

— Para Braga, a fazer uma operação, seguiu de urgência, há dias, a menina Isaura Rodrigues dos Peres, acompanhada de seu marido. Sabemos que tudo decorreu muito bem, esperando-se que em breve volte à sua casa.

S. GREGÓRIO, 28

Afogado no Rio Minho — No dia 26 de Janeiro, quando procedia à mudança de um barco, no Rio Minho, junto à Frieira, Espanha, perdeu a vida, afogado, Henrique Pinha de 39 anos de idade, natural do Lugar do Tarendo, freguesia de Destriz.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 | P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO
Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

O TOMBO DE LAMAS

(Continuação da 1ª página)

uma parte integrante do tomo. Assim, o sentido da frase em causa será este: procedia-se contra o pároco por não ter tomo e não por ter apenas um cópia, como então insinuei. Isto mesmo é confirmado por esta passagem do documento citado: «Comissão para a feitura (factura) do tomo... que se lê mais à frente e modifica o sentido da anterior... «se procede contra ele para fazer renovação do tomo». Fica desfeita a confusão.

O processo para a feitura do tomo de Lamas arrastou-se pelas secretarias quase um ano, pois que em 30 de Setembro de 1780 já tinha dado entrada e sido deferido o requerimento do pároco, mas só de 15 a 22 de Julho do ano seguinte se executou no local (Lamas) a comissão concedida ao pároco encomendado de Cubalhão, Rev. do João José do Couto, bacharel nos sagrados cânones pela Universidade de Coimbra, que o mesmo é dizer: bacharelado em direito canónico. O autoado de todo o processo deu entrada na repartição competente em 10 de Agosto seguinte, quase um ano depois de iniciado.

Acrescente-se que o substituto para a mesma comissão, no caso de o citado bacharel estar impedido por qualquer causa seria o reitor de Castro Laboreiro, Rev. do Manuel Dias de Carvalho.

Pela longa declaração do abade António da Cunha Alves, de posse desta freguesia desde 11 de Julho de 1771, segundo o título exibido, ficamos a conhecer muitas curiosidades. Vemos, por exemplo, que, nos quatorze anos já passados à frente deste povo, realizou obras de vulto na igreja. São dessa época os altares de castanho hoje nela existentes, que tinham sido «feitos de novo e (estavam) ainda por pintar», em 1785. Rejerindo-se ao altar mor deixa uma notícia importantíssima, quando diz que tem sacrário, mas «não se acha nele colocado o Santíssimo Sacramento nem nunca o esteve por ser a freguesia pequena, razão por que nem nela há confraria do Senhor nem de outro algum devoto Santo ou Almas»...

Hoje, quase dois séculos depois, o facto de «ser a freguesia pequena» já não parece suficiente para justificar tal situação. Sem a discutir, temos que a aceitar, mas perante esta afirmação talvez possamos tirar estas conclusões:

- 1 — O culto eucarístico não era intenso.
- 2 — As pessoas que desejavam comungar só o podiam fazer dentro da santa missa ou imediatamente a seguir, consagrando-se de cada vez apenas as partículas necessárias.
- 3 — Nestas condições, para administrar o sagrado viático a uma pessoa acometida de doença súbita depois de o pároco haver celebrado, ou se recorria a (outra paróquia — o que era muito incómodo — ou se esperava para o dia seguinte, se o caso não urgia.
- 4 — Talvez se possa explicar por estes antecedentes, aliados a muitas outras circunstâncias, a frieza hodierna dos naturais perante os augustos mistérios.

Isto assim a modo de conclusões que naturalmente se colhem da citação feita acima. Que bom seria se aparecessem provas documentais acerca destes pontos, a corrigi-los ou mesmo a substituí-los.

Por outra passagem do mesmo documento sabemos que, embora no sacrário não estivesse a Sagrada Reserva, uma custódia de madeira colocada no cimo da tribuna lembrava simbolicamente a quantos entravam na igreja a Realidade que ali se não encontrava.

Posto isto, aqui fica uma pergunta à espera de resposta: — quando começou esta igreja a ter permanentemente o SS.º Sacramento?

J. Marques
(Continua)

Dr. Alexandre Amorim

Advogado

Herculano Lima da Silva
Solicitador

Com escritório nesta vila

Dr. Rodrigo Moura

Advogado

Manuel António Ribeiro
Solicitador

Largo Hermenegildo Solheiro
Telef. 42211 — MELGAÇO

Pelas nossas casas de caridade

Vieram mais alguns donativos de generosos benfeitores das nossas Casas de Caridade.

Todos nós havemos de ser julgados pela lei do amor: — «Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber». São palavras de Jesus.

Pois só no Lar de S. José temos à nossa conta 4 entevadinhos. Todos sabemos o que isto representa de sofrimento para o doentinho e de trabalho, para as irmãs. Mas a Casa é para estas coisas. Todavia, quantos nos não conhecem...

Recebemos mais alguns donativos, de quem nunca nos falta: — do sr. Dr. Manuel Rodrigues, de Lisboa mais 100\$00; do sr. Carlos de Sousa, antigo Director de Estatística do Banco de Portugal, mais 200\$00; do sr. Alípio Gonçalves, de Prado, mais 2.000\$00 e de um anónimo, mais, 100\$00.

Graças a Deus e aos nossos queridos benfeitores, que todos os anos, por estas festas do Natal e Ano Novo fazem a Sua generosa consolação.

E que o bom Jesus lhes dê a paga de mil por um.

Também há dias, quando do casamento de sua filha, Dalila, a nossa vizinha, de Eiró, sr.ª Ana, caseira do sr. Ferreira da Silva, repartiu com os nossos velhinhos da sua abundante refeição. Como isto é bonito.

«ACTUALIZAÇÃO»

Por Júlio Vaz

(Continuação da 1.ª página)

lhor valorização do sacerdote no âmbito da sua apostolização e de elemento integrado na sociedade.

E não se trata de uma crítica, nem que assente em pilstras de alabastro em que não pode entrar a formiga branca do despeito ou da maldade. E, antes, como acima se diz, um estudo profundo e acatulado, onde destaca a lógica do raciocínio e vem ao de cima o saber de experiência feito por parte dos documentos manuseados e apontados na feira de mais de duas centenas de páginas.

Estamos certos de que «Actualização» há-de escaldar até à controvérsia. Não obterá o consenso unânime dos que vierem a debruçar-se sobre as premissas que lhe conferem o travejamento. Mas fica como um documento sério e válido a esclarecer um problema do nosso tempo, dentro da esfera em que o autor o situou — para além de enriquecer a obra literária do P.º Júlio Vaz, precisamente na passagem das suas bodas de prata sacerdotais.

J. C.

NOTA DA REDACÇÃO

J. C. são as iniciais de Jerónimo de Castro, escritor e jornalista, redactor do diário «Correio do Minho» de Braga.

O livro «Actualização» já está à venda em todas as livrarias do país.

GRI... GRI... GRI... VIVA A RAINHA DA PAZ!

Que é aquilo que:
Sem pernas andá;
Sem língua, fala
A toda a pessoa?

Que será?

Ora que há de ser?!

Nada mais, nada menos do que a caixinha da Rainha da Paz.

Se não, vejamos:

Estava na igreja, havia já bastante tempo, e, certo dia, aborrecida, talvez, com o prolongado repouso, foi-se pondo em movimento, da melhor maneira que pôde, e lá passou para a residência paroquial da Vila. Ai, perdidas talvez as esperanças de, novamente poder movimentar-se, estava também longo tempo. Mas, bem dizem que Deus não dorme, e assim, numa certa manhã, a ventania abre a janela, e, talvez enquanto o Rev. do Sr. P.º Justino tranquilamente dormia, um redemoinho entrou, e não sei como, conseguiu pôr a caixinha fora da janela e depois ela, seguindo a direcção do vento Sudoeste-Nordeste, voando, como outrora a antiga *passarola*, e, sem bússola nem leme, foi cair em Chaviães.

Andou, voou, e mais tarde, sem língua, falará, dizendo a toda a gente quanto rendeu aquela freguesia, e o mesmo com as restantes do Arciprestado.

Bem sabemos que a ocasião não foi das mais oportunas, porque, ainda há pouco, tivemos um peditário para as obras do Sameiro que eu não condeno, antes sentirei, quando lá fôr, grande satisfação, em ver que uma pedrinha que lá está, foi colocada por mim, embora indirectamente. Mas quem, desta vez, não possa marcar a sua presença na caixinha, nem, por isso, fique triste, porque a caixinha vai, mas volta, depois de dar a volta ao Arciprestado, e assim, marcá-la-á da 2.ª ou 3.ª visita.

E, como o parar é morrer, ela foi feita para sempre andar.

Nada de desânimo!

Grilo

A PROPÓSITO...

Estamos no ano 40 da Revolução Nacional...

Os vários meios de comunicação social lançaram já o pregão anunciador das comemorações dessa data que, a todos os portugueses, deve merecer o máximo de respeito patriótico, como evocação que é, do nosso ressurgimento interno e externo.

Prometem pois ser grandiosas! A elas nos associamos como português orgulhoso da sua pátria e do seu destino imorredouro.

Uma grande magoa, porém, nos invade, no concerto harmonioso e festivo das comemorações, mágoa esta que se radica num mal contido sentimento de despeito que gea a inveja e uns açomos de revolta: no nosso torrão, nestas terras de *Parada do Monte e Gave* vamos limitar-nos todos a ouvir discursos, palmas e vivas que chegarão até nós lá de longe, através dos transitores, porque *por cá nada temos a comemorar*.

Já aqui mencionei, há tempos, os melhoramentos que estas duas freguesias do concelho — Parada e Gave — devem ao nosso Governo. Montaram-se, nas duas, pelos dedos duma mão só e ainda sobre um dedo!... Mas não se vá pensar que sejam melhoramentos que pela sua grandiosidade e alcance supram o reduzido número!.. Não!... Se não me engano, eram as escolas, telefone e... já não sei o que teria inventado eu!...

Para falar português, melhoramento que devamos ao Estado, assim grátis e mais ou menos desinteressado é o das escolas primárias que, diga-se de passagem, estão uma vergonha, no que respeita a edifícios.

Esta nossa gente também ouve e vê. Ouve na rádio e vê nos jornais os projectos e os melhoramentos por esse país fora... e aqui nada!

Estamos no mês de pagar as contribuições ao Estado, e está muito bem. Só não está muito bem que se nos obrigue a despesas e se nos neguem direitos ou as regalias desses direitos. Quanto não teriam dado ao Estado, durante estes 40 anos, os contribuintes destas duas freguesias?... Quantos milhares de contos?... E quanto receberiam?... «Ou comamos todos ou haja moralidade!»

Estou certo de que não se me negará o direito a expressar-me deste modo. Não se trata de dizer mal, por mal, mas de crítica que desejamos seja construtiva, até para que não se julgue que tudo são rosas. — P. G.

a VOZ de MELGAÇO

CARLOS ANTONIO VAZ

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
Redacção e Administração interinas — Resid. Paroquial — Melgaço

Director e Administrador:

Chefe da Redacção e Editor:

Propriedade e impressão: «*Empresa do Diário do Minho, L.^{da}*» — Braga
Avença

JULIO HILARIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 30\$00

Assinatura Anual para o Estrangeiro: 70\$00

ANO XIX — N.º 347

Melgaço, 15 de Fevereiro de 1966

Por Santa Rita!

**À Diocese e ao Norte do país!
Custa muito estar parado! ...
Uma oferta que não chegou ainda ...
Por que nos perseguem? ...**

Custa muito estar parado! Estamos a ver se liquidamos de vez uma dívida que trazíamos connosco e pensamos que brevemente o será. Mas estamos parados há alguns meses. Estas obras querem muito dinheiro e ele, que abunda por aí, não chega a estas paragens com a abundância que era para desejar.

Pois bem. Com o pouco, de que podemos dispor, vamos fazer mais alguma coisa até para que na próxima festa, os nossos amigos eromeiros possam ver, que, apesar de tudo, fazemos o que humanamente nos é possível.

Se fosse possível inaugurar a obra já este ano... Mas temos tido muito atrasado. Só um milagre de Santa Rita é que nos pode valer.

Sobretudo, fechar as casas e fazer o reboco até onde pudermos. Estamos à espera de que o tempo melhore, para trazeremos a estas paragens a água que tanta falta nos faz. Mas já lá vão 4 meses de chuva intensa e nada se pode aqui fazer.

Fizemos nova encomenda de 100 castanheiros para se plantarem aqui, mas, também, neste capítulo, temos muito que lutar: — contra a pedra, contra o tempo e contra más vontades, que felizmente se vão vencendo.

Esperávamos uma oferta de 350.000\$00 para acabamento destas obras. Mas ainda não chegaram e não sabemos se chegarão. Foram-nos prometidos com tanto entusiasmo

Continua na 2.ª página

O TOMBO DE LAMAS

Usos e costumes

Lê-se em alguns livros contendo referências a esta paróquia que pagava muitos foros. Não justificam os citados livros tal afirmação nem fornecem dados concretos a este respeito. Alguma luz, porém, nos deixa sobre este assunto o Tombo de que nos vimos ocupando, que, além de referências aos foros, dá notícia do que os moradores deviam

pagar na roda do ano, no sector eclesiástico.

Deixando para outra oportunidade a questão dos foros, tratar-se-á hoje das obrigações que, segundo os usos e costumes, tinham para com o pároco os fregueses de Lamas.

Para melhor compreensão do tema recordemos que Pinho

Continua na 2.ª página

RELATORIO

da Câmara Municipal Gerência de 1965

Ex.mos Senhores Vogais do Conselho Municipal: Ainda mais uma vez tenho a honra de apresentar a V. Ex.cias o relatório da gerência desta Câmara referente ao ano findo, como determina o n.º 3.º do art.º 77.º do Código Administrativo.

Este relatório é sucinto mas V. Ex.cias pedirão todos os esclarecimentos que julguem convenientes e examinarão a conta da Câmara que aqui se encontra patente e que melhor pode elucidar.

EM OBRAS FOI DISPEN- DIDO (por contos)

Construção da Estrada Melgaço-Alcobaça, 354; Idem, do caminho do Rodeiro, 8; Idem, da Estrada de Pomares-Couso, 1; Reparação e beneficiação de fontes, 37; Arruamento do Largo da Capela, em S. Gregório, 15; Instalação de aquecimento nos Paços do Concelho, 18; Reparação da Estrada de Paederne, 9; Idem, da de Chaviães, 6; Idem, de outras estradas e caminhos, 6; 2.ª anuidade da reparação da cadeia, 4; Construções escolares, 36;

Com a rede de abastecimento de água e fontes, 10.

OUTRAS DESPESAS:

Terreno para construção de uma lixeira, 23; Mobiliário para a Secretaria, 8; Idem, para Serviços do Estado, 13; Com publicações feitas e a fazer, 11; Com doentes pobres, 39; Sinalização no Cemitério, 4. Soma total: 602.

Para as cinco primeiras obras foram recebidas participações do Estado. Foram satisfeitos todos os encargos obrigatórios e concedidos os subsídios normais e verifica-se um saldo real que transitou para o presente ano, de 198 683\$20.

RECEITA POR CAPITULOS (Por contos)

Saldo do ano anterior, 131; Impostos directos, 281; Impostos indirectos, 249; Rendimento de diversos serviços, 197; Rendimento de bens próprios, 57; Reembolsos e re-

posições, 20; Consignação de receitas, 141; Receita extraordinária, 377. Soma total: 1 453.

DESPEZA POR CAPITULOS (Por contos)

Encargos de empréstimos, 24; Presidência, 14; Secretaria, 377. Soma total: 1 453.

LAR DE S. JOSÉ

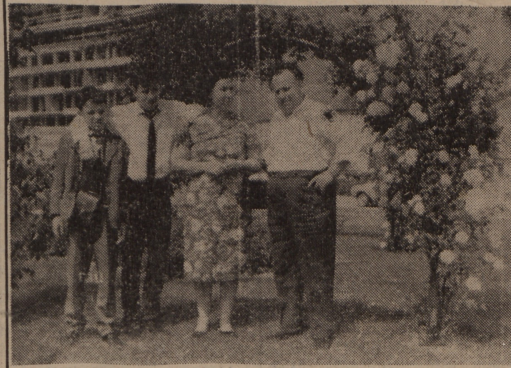
Mais um donativo, para o nosso Lar de S. José (Asilo Pereira de Sousa): — o do sr. Augusto Alves Ferreira, distinto comerciante em São João da Madeira, que nos mandou 20\$00, por intermédio do nosso estimado assinante sr. Miguel Pereira, digno comerciante na nossa vila, produto do Totobola, vendido nesta Casa. Aos queridos Amigos, muito gratos pela lembrança e oxalá que outros felizes contemplados se lembrem também desta Casa.

P.e Carlos

CANTINHO DOS NOSSOS ASSINANTES

Tiveram a bondade de pagar a assinatura os srs. José Augusto Aires, 1965-66; César Augusto Lira Ribeiro, 1966; Carlos Lima, Constantino Silva, Abílio Tito Outeiro, todos 66; Artur Esteves de 62 a 65; José Gregório de 63 a 65; Jesuína Afonso, 65; Dr. João Durães, 66; Germano Alves, 65; Manuel Melheiro, até 8-5-67; Manuel Durães, 65; Prof. António Luís Pinho Gonçalves, 66; D. Maria Aldora Alves de Freitas, 1965.

A todos, os nossos melhores agradecimentos.



GRANDES AMIGOS DE SANTA RITA

António Unácio Merim e Família, de Melgaço, com o estabelecimento montado na cidade de Le Creusol, quando da sua última viagem à Suíça

RELATÓRIO DA GERÊNCIA DA CÂMARA DO ANO DE 1965

(Continuação da 1.ª página)

ria, 246; Tesouraria, 9; Serviços de saúde, 81; Sanidade Pecúria, 21; Serviços de higiene e limpeza, 33; Serviços de água, 29; Cemitério, 9; Matadouro, 1; Serviços de Fiscalização, 44; Obras, 57; Jardins e arborização, 11; Cadeia, 10; Serviços de aferição, 10; Instrução, 64; Pagamentos por consignação, 141; Despesa extraordinária, 424. Soma total: 1.228.

Saldo para 1966, 225
Soma total: 1.453.

NÚMERO DE DOCUMENTOS NA SECRETARIA:

Ofícios e circulares recebidos 2.838; Idem, expedidos 2.655; Requerimentos 894; Autos, 171; Atestados, 66; Termos de justificação, 3; Processos de emigração, 580; Conhecimentos de receita virtual, 1.576; Idem, de receita eventual, 4.846; Conhecimentos de fornecimento de água, 1.576; Processos de obras, 114; Licenças de caça, 378; Licenças de uso e porte de armas, 267; Transferências de armas, 16.

Continua a acentuar-se o aumento nos vários serviços.

Luta-se com extrema falta de mão de obra para realização de obras, mas esperamos resolver o assunto no presente ano, dado que muitas já foram entregues a empreiteiros como abaixo se verá.

Vejam agora alguns dos melhoramentos em que a Câmara tem empregado o seu interesse:

EDIFÍCIOS ESCOLARES

A Câmara tem procurado por todos os meios que as construções escolares neste concelho se processem e executem o mais rápido possível. Os primeiros pedidos, neste sentido, datam de Dezembro de 1961. Daí para cá, a Câmara tem proposto aos respectivos Serviços a actualização do plano ou concordado com as propostas que os mesmos lhe apresentam para tal fim.

Presentemente, a construção mais urgente é a do edifício do núcleo de Sobreiro, da freguesia de Cristóval. As crianças daquele núcleo deslocam-se a S. Gregório, em razão de ali se não ter conseguido, nem sequer provisoriamente, um edifício particular onde pudesse funcionar a sua escola. Por informações colhidas pessoalmente junto dos Serviços de Construções Escolares da Zona Norte, com sede no Porto, sabemos que este edifício tinha sido posto a concurso por 2 vezes e não tinha havido qualquer concorrencia.

O mesmo se verifica quanto ao de Lamas de Mouro, também de muita necessidade, pois na mesma data, foi a concurso e igualmente ficou deserto.

Sei que se vai proceder a novas diligências da parte daqueles Serviços para que estas 2 construções sejam uma realidade quanto antes.

Está logo concluído o de Pomares, freguesia de Couso. Espera-se também que seja dado, andamento aos necessários estudos para as restantes obras de construções ou reparações.

Estão já em andamento as diligências para a construção, aqui na Vila, de um edifício para Cantina e para instalação da Delegação Escolar.

EDIFÍCIO DA CAIXA GERAL DE D. C. E. PREVIDENCIA

Por informação da respectiva Comissão Administrativa das Obras desta Caixa, sabemos que esta almejada construção que se arrasta há muito, está a ter melhor andamento.

Da parte da Câmara não tem havido falta, pois têm sido prestadas, com a maior prontidão, todas as informações e esclarecimentos que os respectivos Serviços têm solicitado.

Esperamos, pois, que em breve seja iniciada a construção deste edifício para, assim, desaparecer o aspecto deplorável que nos oferecem presentemente as ruínas do qual foi o edifício escolar Conde de Ferreira, situado na parte mais central e bela da Vila.

CASAS DOS MAGISTRADOS

Foi remetido em 22-9-65 o projecto das Casas dos Magistrados a Sua Excelência o Ministro da Justiça, que o aprovou por despacho de 26-11-65.

Estava pendente, pois não podia ter seguimento sem a aprovação do respectivo projecto, o pedido de declaração de utilidade pública, para se poder expropriar parte do terreno em que o edifício vai ser implantado.

A Câmara tem procurado por todos os meios ao seu alcance que se ultimem o mais depressa possível as diligências burocráticas que, com a demora da elaboração do projecto, têm atrasado o início da construção muito mais do que se esperava e era de supor. Continuamos a incistir para que seja abreviada esta demora, e estamos esperançados que o período da burocracia esteja a terminar para dar lugar à realização da edificação.

(Continua na 5.ª página)

O TOMBO DE LAMAS

(Continuação da 1.ª página)

Leal afirma ter esta freguesia, em 1757, apenas 18 fogos. Perante isto, pergunta-se: — como era possível ter pároco próprio uma população tão diminuta? Como se provia a honesta sustentação do mesmo?

Levando em conta a abundância de clero e a situação geográfica, a resposta té-la-bora os tempos fossem bem diferentes dos actuais e sem as exigências sociais e económicas de hoje, os encargos da população do séc. XVIII para com o pároco eram muito superiores aos presentes. Através das notas tiradas do livro de usos e costumes e arquivadas no Tombo podemos confirmar o asserto.

Dada a situação do lugar de Alcobaga, que era «meiordas freguesias de Lamas e de Fiães, e livro de usos e costumes faz distinção entre freguesias «inteiras» e «meiores». Segundo a qualidade de cada um, assim pagava mais ou menos.

Os párocos de então contavam para o seu orçamento com as receitas provenientes das primícias e obradas e dos dízimos que a seguir veríamos, havendo ainda a juntar a tudo isto o casual incerto dependente do número de óbitos. Assim, de primícias e obradas pagavam os casados dois alqueires de centeo «com maio cogulo» e não rapados; os solteiros e viúvos meio alqueire de...

(Continua na 5.ª página)

Gri... gri... gri...

Viva a Rainha da Paz

Gira a caixinha
Sempre a girar.
Ver gente nova
E há-de voltar.

Há de voltar, sim, mas só daqui a cerca de 2 anos, porque até lá, tem de percorrer as restantes freguesias do Arquiprestado. Todas elas têm direito à sua visita, e não queremos que alguém se me lindre.

Há dias um amigo na Vila chamou a minha atenção para um grande lago que havia mesmo em frente ao «Café Estrela», certamente para eu zurzir quem devia olhar por estas coisas, mas eu não pude, porque esse lago faz-me recordar os tempos em que eu, ao ver um lago daquela extensão, me entretinha a ver navegar o meu barquinho de cortiça que meu padrinho me havia dado no dia da minha primeira Comunhão, e, assim eu ia passando alegremente algumas horas da minha desocupada vida, e desta maneira me distraía.

Mas agora sou a dizer que aquele lago não fica bem naquela rua, por ser a de maior trânsito, mas acho que me-

(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

e compreensão, mas as coisas não dependem só da vontade de um homem. Nós sabemos que, se esse Amigo pudesse, vinha a oferta e vinham outras mais.

Mas o que é preciso é que o Senhor nos ajude, que o resto há-de vir e na ocasião própria.

Estiveram aqui, há dias, os srs. Engenheiro Padre Carlos, da Casa do Gaiato e o Sr. Padre Américo, outra grande alma, que trabalha em Gondarém. Gostamos de os ter aqui conosco umas horas e ouvir um pouco das Suas obras que lançaram, na grande riqueza do amor de Deus.

Certo dia na Casa do Gaiato, pediram para Lisboa uma ajuda substancial para obras necessárias a doentes irrecuráveis.

—Que não; que não o podiam dar, pois as verbas iam para aqueles que podiam um dia trazer-se à vida plena, ao trabalho. E assim, que não, que não podiam dar nada.

Dali a pouco tempo, apareceu um generoso benfeitor que viu a obra e ofereceu mil contos para se acabar.

Oh! tudo nos faz falta, mas que o bom Deus, para Quem desejamos unicamente trabalhar, nos ajude e o resto virá depois. A todos os homens de boa vontade, a todos pedimos nos ajudem. Tanto se podia fazer e com tão pouco, de cada um...

* * *

Paris está a ajudar-nos. Está ali uma Irmã e o que Ela faz!... Temos recebido calçado, fatos, vestidos, etc. e dádivas. Não são grandes. Oh! Ela vale tanto como aquele poema do óbolo da vitória do evangelho. E nisto, o que mais custa é começar. Já começamos com a distribuição das roupas e calçado e se de Paris nos ajudarem, iremos levar por intermédio de Santa Rita, esta lembrança aos nossos irmãos pobres de todo o Concelho.

* * *

As vezes parece que nos querem perseguir. Não, não vemos uma luta armada, organizada, não! Mas há outras batalhas que desgastam e ferem: a crítica. Para que tanto pedir? — que maçada, andar lá por fora a pedir... Não há direito. Etc.

Sempre houve quem não quisesse dar e isto para qualquer obra. Mas, ao menos, quem não pretende ajudar, não estorve e já nos faz muito favor.

Temos lido muitas vezes a teologia do Pobre e do doente, essa teologia que muitos esquecem e não querem ver em toda a sua plenitude: «Tive fome e não me destes de comer». «Estava nú, e não me cobristes». — E' por aqui que vamos ser julgados, mas todos.

E São Paulo a dizer: — «quem sofre que eu não sofra?» — Fiz-me tudo para todos!...

E o divino Mestre a dizer-nos: o que fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis. E a verdade do cor-

po místico: — sofre um membro? — todo o corpo sofre.

Nós pedimos ao Senhor nos deixe oferecer à Diocese esta humilde obra, à Diocese le ao Norte do país, a recolha dos nossos irmãos, mais infelizes, cegos e surdos-mudos. Foi isto consignado nos Estatutos.

Quando há um ano e pouco, um Senhor Inspector da Direcção Geral da Assistência aos Inválidos nos visitou, depois de ter visto o que já se havia feito, diz: — O' Sr. Padre, e se viessem para aqui aqueles ceguinhos e surdos irrecuperáveis, de quem já nada se pode fazer? — Respon-di: — a Igreja é Mãe; por isso Ela ama, como todas as mães, com amor mais profundo e intenso os filhinhos mais infelizes. Mandem-nos então esses. Precisamente!

Era o que queríamos oferecer à Diocese e ao Norte do país. Por que pois esta incompreensão e esta crítica?

A vós, rapazes de França, que tantas vezes me tendes repreendido por não vos visitar, por não ter ido à vossa barraca, eu vos lembro a todos, agradecido e o carinho que me dispensais. O Malheiro e companheiros de Tours, a Família Merim, e toda a grande colónia melgacense de Creusot, a Família Domingues, de Achères, Os rapazes de Lião, de Longuy, o punhado de rapazes de Caen, Calvados, ao Henrique de Castro, etc. a todos todos eu lembro. Como é que uma obra que tem tantos amigos, havia de parar por muito tempo?

* * *

Não, se não quiserem ajudar-nos, não nos estorvem, E' serviço de Deus! Vamos então? — E vamos já? — Por Santa Rita!

* * *

De uma coisa temos medo, muito medo: — de não sermos dignos de levar ao fim esta obra que é para serviço de Deus.

Que o Senhor esteja conosco!

P.e CARLOS

CARTA DA VILA

HOMENAGEM DE DESPEDI-DA — Por ter sido transferido a seu pedido para a comarca de Felgueiras, o meretíssimo Juiz de Direito, Senhor Dr. Hernani Marques da Silva Figueiredo, que há cerca de 2 anos, desempenhava o elevado cargo de Juiz de Direito nesta comarca, por um numeroso grupo dos seus numerosos amigos, foi-lhe oferecido, na Pensão Boavista, da Estância Termal do Peso, um lauto jantar.

Aos brindes usaram da palavra a Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Guiomar Lima, e os Senhores Dr. Ferreira Alves, Dr. Orlando Guedes da Costa, Dr. Romeu de Sousa, Dr. Rodrigo Moura, P.e Albertino Pereira, António Salgueiro Mota e António Machado Duarte, que enalteceram as elevadas qualidades do ilustre magistrado.

Por último, sensivelmente comovido, o homenageado agradeceu as honrosas saudações.

Ao muito ilustre magistrado, que deixou entre nós, as melhores simpatias, as nossas saudações.

ANIVERSÁRIO — No passado dia 1 esteve em festa o lar do nosso amigo e conterrâneo Sr. Manuel Lourenço, conceituado comerciante e proprietário desta vila, pela passagem do seu aniversário natalício, que teve a gentileza de oferecer a vários dos seus amigos e familiares um lauto jantar.

Sua esposa, filhos e amigos desejam ao aniversariante, que esta data se repita por muitos anos.

BENEMÉRITOS — Ao Santuário de Santa Rita, na freguesia de Rouças, chegaram vindos de França alguns volumes contendo roupa e calçado, que foram distribuídos por alguns pobres daquela freguesia e de outras deste concelho.

Bem hajam e Deus proteja estas almas caridosas.

ACTO DE HONRADEZ — No passado dia 6 do corrente, o Sr. Manuel Telheira Ferreira, pedreiro, natural do lugar de Fornelos, Tangil, Monção, quando saía do Cine Pelicano, desta vila encontrou uma carteira contendo alguns milhares de escudos, procurando saber quem era o dono afim de lha restituir, mas baldamente.

Chegado a Tangil deu conhecimento do achado no posto da G.N.R. daquela localidade.

No dia imediato o Sr. Manuel Alves, natural de Celorico de Basto, a trabalhar actualmente na barragem da Frieira, Poente Bargas, Espanha, que a havia perdido, entrava novamente na sua posse, dada a honradez da qual o nosso amigo, acto que mereceu os mais rasgados elogios a todos que do facto tiveram conhecimento.

O TEMPO — Tem chovido torrencialmente pelo que o rio Minho e seus afluentes transbordam das margens inundando os campos circunvizinhos, causando inumeráveis prejuízos na agricultura.

PESCA — Com as grandes cheias que tem havido as sabrosas lampreias já chegaram até cá, mas há que as deixar passar para os espanhóis porque só em 15 do corrente a lei permite armar as redes nesta costa. É pena não é...?

SENTIDO PROIBIDO? — Na casa em construção do Sr. Hilário A Gonçalves, proprietário e comerciante desta vila, encontra-se uma placa de sentido proibido, mas a maioria dos condutores não respeita tal sinalização, pelo que se houver a infelicidade dum desastre, pedimos o máximo do rigor da lei para os transgressores. Entendido...?

COMISSÃO DAS FESTAS DO CONCELHO DE MELGAÇO — Esta comissão não se tem poupado a sacrifícios para que as festas deste ano não desmereçam, antes pelo contrário, das antecedentes.

Tivemos conhecimento de que compraram uma magnífica cabine sonora, não só para abrilhantar as suas festividades e da mesma se servirem para anúncio das ditas festas e outros divertimentos, mas ainda para a porem à disposição das digníssimas autoridades civis e eclesiásticas melgacenses, quando dela tenham necessidade.

Nós que temos acompanhado os inúmeros trabalhos e sacrifícios que a digníssima comissão tem passado, só duas palavras lhe podemos endereçar: muito bem.

CARNAVAL DE 1966 — No Salão de Festas anexo ao Café Estrela desta vila, realiza-se nos próximos dias 19 e 21 do corrente, um grandioso festival carnavalesco, abrilhantado por 3 excelentes e afamadas orquestras, «Los Cun-ter's» e «Los Bardons» de Pontevedra (Espanha) e da já muito conhecida, «Lena e seu conjunto» de Viana do Castelo.

VISITANTES — Tivemos o prazer de ver nesta vila, em visita a suas famílias, os nossos conterrâneos Senhores: António Lourenço, digno Chefe da Estação dos C.T.T. na Póvoa de Lanhoso, acompanhado de sua esposa e filhos, Dr. Oliveiros Rodrigues, Conservador do Registro Civil e Predial em Paredes de Coura, Arménio de Melo, agente da P.S.P. em Braga, Alferes Flávio Pires Marques, em serviço na Força Aérea Portuguesa, Eduardo Gomes da Silva, co-

FAZEM ANOS: Amanhã: os srs. Artur Pires Teixeira e José Maria Pereira (Sobrinho) e Carlos Alberto Domingues; no dia 17, Manuel José Lopes Gonçalves; no dia 20, as sras. D. Aurora Augusta Domingues Soares e D. Olinda (Dantas da Costa) Afonso e Fernando Vaz Alves; no dia 21, a sra. D. Carlinda Pires Domingues e a menina Olívia da Conceição dos Santos Lima; no dia 22, a sra. D. Júlia Cân-

dida Esteves; no dia 24, as sras. D. Maria Amândia Fernandes Pereira e D. Violeta de Carvalho Esteves, e o sr. Arlindo José Alves e a menina Maria José Moraes Esteves; no dia 25, a sra. D. Maria Leonídia Alves Baptista; no dia 26, a sra. D. Maria Angelina da Conceição Alves da Silva Lima e a menina Maria do Rosário de Sousa e Castro; no dia 27, as sras.

(Continua na 4.ª página)

SOCIEDADE

Aniversários

ROUÇAS

Tem chovido torrencialmente por aqui e todos se queixam de que os trabalhos estão muito atrasados. Até agora ainda se contava por aqui com a ajuda dos «franceses», mas estes estão a ir outra vez para aquelas paragens.

No dia 29 do mês passado, uniram-se em matrimónio o Sr. Manuel Artur Rodrigues e a menina Maria Amélia Gonçalves, ele do Barral, e ela desta freguesia do lugar de Corções. Foram padrinhos os nossos amigos Srs. José Bento Gomes e sua esposa D. Ma-

(Continua na 4.ª página)

Dr. Rodrigo Moura

Advogado

Manuel António Ribeiro

Solicitador

Largo Hermenegildo Solheiro

Telef. 42211 — MELGAÇO

Dr. Alexandre Amorim

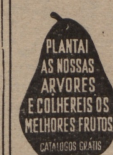
Advogado

Herculano Lima da Silva

Solicitador

Com escritório nesta vila

AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais Camélias, arbustos, arvores.

bo.bos, insecticidas fungicidas.

CATALOGOS GRATIS

ALFREDO MOREIRA DA SILVA

& FILHOS, L.da

Viveiristas autorizados N.º 3 Rua de D. Manuel II, n.º 55 PORTO

Telef.: Roselândia Telef.: 21957

Banco Fernandes de Magalhães

PORTO

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 23 a 39
Telex., 755 MAGA-PORTO — End. Teleg., MAGA
Telefones, 28241 (5 linhas)

DEPENDENCIAS

R. Sá da Bandeira, 17 a 19 — Telef. 28241

Rua das Flores, 332 Telef. 21861

«S. BENTO»

P. Almeida Garrete, 6

«BONFIM»

Rua Fernandes Tomás

(Edifício Ouro)

CORRESPONDENTES

em todo o País, Ilhas, Ultramar e no Estrangeiro

UMA DAS MAIS ANTIGAS ORGANIZAÇÕES BANCARIAS DO PAÍS

Viagens para França

SAIDAS TODAS AS SEMANAS

MELGAÇO-PARIS Segundas e Quintas
PARIS-MELGAÇO Segundas e Quintas

Informações:

Melgaço: João Hilário Gonçalves
Casa Samaritana — Telefone 42308

Monção: José Torres
Escritório da Auto Viação Melgaço
Telefone — 106

Arcos de Valdevez: Salvador Alves Pereira
Garagem Salvador — Telef. 45116

Paris:

Agence Centrale
37 Bd. Henri IV — Paris 4.
Telefone 272.65.24 — Métro Bastille

PINTO DE MAGALHÃES, L.^{DA}

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P.P.C.)
7 linhas

LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P.P.C.) 5 linhas

AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PÉNICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as

em

PINTO DE MAGALHÃES, L.^{DA}

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

MAGNIFICOS SOLDADOS

Esplêndidos os nossos emigrantes

Na vida do homem que escreve, que rabisca de fugida na mór parte das vezes uma nota ou outra de caracter regionalista, mas que as vive com aquela intensidade que lhe dita o sentimento de devoção voluntária, acontecem coisas dignas de realce, de apontamento mais ou menos dilatado.

E' que neste Natal que passou e no limiar do Ano Novo que vivemos, recebemos apoz a sua passagem cartas de soldados melgacenses que se batem no nosso Ultramar; e doutros, que tendo já cumprido o seu dever honradamente, buscarem fora da Pátria, o que a Pátria lhe não pôde dar, emigrando, mas continuando Portugal, enobrecendo-o mais ainda com a constituição de novas comunidades de portugueses, aqui e além. Queixaram-se-nos, uns e outros, de que a Imprensa da sua terra, não os lembrou nesses dias festivos, ao contrário do que vieram e leram noutras publicações e de outras terras.

Mas, vamos por partes. Têm e não têm razão, os nossos Amigos!

Têm-na, porque, realmente e na parte que nos diz respeito não porque os esquecemos; que bem lhe poderíamos, nós ou outros, dirigir uma mensagem amiga, nesses dias em que a Humanidade inteira se debruça sobre o mistério do «Berço» ou se acalenta de esperanças num ano que dealha.

Ora os nossos Soldados, temos-os sempre enaltecido, e sem favor. Os rapazes de Melgaço, humildes na grande maioria, são daquela massa generosa, heroica e anónima que Salazar convidou a deixar mão do arado; têm sabido cumprir como tantos, têm dignificado a terra que lhes serviu de berço. Mereciam

mais dos seus conterrâneos e de nós mesmo? Ninguém lho tem porque, não sendo políticos, dispensam discursões enaltecedoras, palavras e saudades, muitas vezes longas listas que se não cumprem. Resta-lhe a satisfação do dever cumprido, tão acima dessas coisas para o homem que, de armas na mão e não na mesa do café, defende a Pátria, arriscando a vida a todas as horas.

Os que tivemos a honra de trinçar o valor das coisas, isto é, onde começa e acaba a

Continua na 6.ª página

RELATÓRIO DA GERÊNCIA DA CÂMARA DO ANO DE 1965

(Continuação da 2.ª página)

PLANO COMEMORATIVO

«Desejo do Governo, como V. Ex.cias sabem, que no corrente ano, o quadragésimo da Revolução Nacional, todas as freguesias tenham e possam inaugurar um melhoramento, mesmo modesto. Estamos a empregar todos os esforços para que aquele desejo do Governo seja uma realidade. Já estão entregues a empreiteiros as obras a levar a efeito na maior parte das freguesias. Quanto à obra da Vila — a rua de acesso à escola — está-se a proceder a diligências para a sua adjudicação.

Quanto à de Rouças — o novo cemitério — está-se a elaborar o respectivo projecto, pois graças aos esforços do Rev.do Pároco, Junta de Freguesia e Regedor, conseguiu-se vencer a maior dificuldade

de — a aquisição do terreno.

Em relação a Penso, Alvarado, e Chaviães, ainda não sabemos se serão ou não executadas as obras que lhes estavam destinadas. A Câmara já tomou as providências que de si dependem para que todos possam receber aquele simpático benefício do Plano Comemorativo.

OBRAS PROMETIDAS POR SUA EXCELENCIA O MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS NA SUA VISITA DE 15-2-64

1) Remodelação do abastecimento de água à Vila.

Foi remetido superiormente o respectivo projecto e está-se a aguardar a sua aprovação e a necessária comparticipação.

Este abastecimento, segundo o parecer dos técnicos, tem de ser reforçado com água a captar no Rio Minho. Os trabalhos de captação, iniciados e já interrompidos, irão recommençar novamente, segundo informação dos respectivos Serviços de Hidrologia.

2) Adaptação dos Antigos Pacos do Concelho.

Foi enviado há pouco o projecto com vista à sua aprovação e comparticipação. Serão instalados ali alguns serviços, como o de aferição de pesos e medidas, museu e biblioteca e arquivo para diversas Repartições.

3) C. M. de S. Paio.

Está já adjudicada a sua abertura em toda a extensão, a realizar no corrente ano. Ficará assim satisfeita uma das maiores aspirações, aliás muito legítima, daquela freguesia.

4) Largo de S. Gregório.

Acha-se praticamente concluída esta obra que a Câmara não pôde executar antes e que, embora por várias vezes incluída em planos de actividade anteriores, só agora pôde ter execução por também só agora, ter sido comparticipada.

(Continua na 6.ª página)

O TOMBO DE LAMAS

(Continuação da 2.ª página)

primícia e meio de obrada — metade do que pagavam os casados, portanto. Quando na mesma casa morrassem pais, mães, sogros ou irmãos com «bolsa apartada e partilhas feitas», pagava cada um a primícia e obrada correspondente à sua classe.

A época das colheitas era sempre sobrecarregada, pois nela se recolhiam as obradas vencidas nas festas anteriores, segundo reza o Tombo.

O mais curioso para quem lê agora estas coisas, que não para quem pagava, é a questão dos dízimos, minuciosamente especificados. A modo de exemplo apontam-se os mais importantes, sendo desnecessário esclarecer, quanto ao produto total dos mesmos, que havia sempre, de uns anos para os outros, certa margem de variabilidade. El-los:

— Os fregueses «inteiros» pagavam por cada cabra de leite um real; por cada vaca trinta e três reis; por cada vaca carneira setenta reis; por cada anho, cabrito ou enxame 10 rs. sendo imenos de cinco; chegando à cinco escolhia-se o melhor, ficando metade deste (quer fosse anho, cabrito ou enxame) a pertencer ao pároco. De dez, um era para o pároco. Neste caso já se não escolhia o melhor mas o segundo na qualidade. Há mais ainda. De cada ninhada de frangos (mesmo que não chegassem a dez) um era do dízimo, que também se pagava «do mel da cera da crasta» e do linho, bem como «do mais que é uso...».

Estas disposições do livro de usos e costumes foram juridicamente alteradas pelo decreto governamental de 1832, que suprimiu os dízimos em todo o reino.

Temos ainda mais notas sobre os usos e costumes, mas para não tornar este demasiado longo, ficam para a próxima. Nessa altura aparecerão também breves comentários e uma ou outra sugestão que parecem vir a propósito desta já longa enumeração dos encargos económicos que pesavam sobre a população de Lamas, em séculos passados.

J. MARQUES

(Continua)

Gralhas: — No artigo anterior, entre outras gralhas insignificantes, apareceu a data 1780, que deve ser substituída por 1784.

Donativos para Santa Rita

Do Mordomo 1.890\$00, de uma irmã, de Paris, 288\$00, do Sr. Duarte Domingues, 60\$00; de uma anónima, da Rasa, 3\$00; da Sr. Purity Domingues, da Rasa, 60\$00; da mesma irmã, de Paris, 172\$00; do Sr. Carlos Brás, digno guarda-fiscal de Paderna, 50\$00, do Sr. César Augusto Lira Ribeiro, de Lisboa, 20\$00; do menino António Alves, di Igreja, na véspera da sua primeira viagem para França, os seus primeiros 25\$00 (e dizemos primeiros, porque nestas coisas de Santa Rita, o que custa é começar) do Sr. Joaquim Andrade de Basto, de Celorico de Basto, por intermédio do nosso conterrâneo e amigo, de Bilhões, o Balleixo, 2.000 francos; do Sr. José Lourenço, de Eiró, na sua primeira vinda à nossa terra, 150\$00; do Sr. Augusto Amoroso Alves, de Corções, 200\$00; do Sr. Germano Alves, de Carpinteira, que nunca vem à

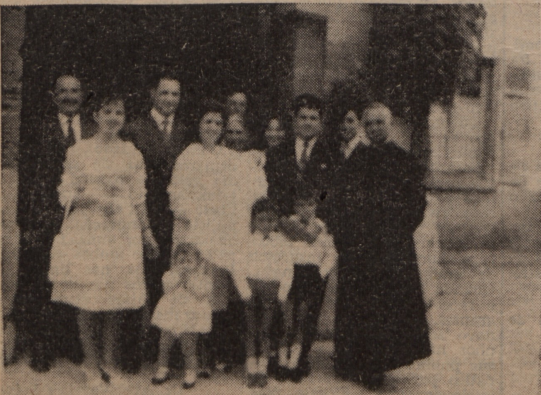
sua terra, sem dar o que pôde para Santa Rita, mais 130\$00; da Sr. Elisa Gonçalves, de Prado, 200\$00 e da Sr. Idalina Gonçalves, de Prado também, 200\$00; do Sr. Manuel Augusto Pinto, de Chaviães, 50\$00; do Sr. António Domingues, de Prado, na véspera da sua volta para França, mais 5.000 francos e 500\$00 de sua gentil Esposa, 15.000 francos e uma pulseira. Quanto deve Santa Rita a esta abençoada Casa de Achêres. Não é apenas a oferta, a oferta de todos, de toda a Casa, que é sempre muito grande, mas é sobretudo, o carinho, o cuidado para com tudo o que diz respeito a Santa Rita. Por tudo aqui Lhes queremos deixar consignado o nosso vivo agradecimento; do Sr. José Dias, de Cavaleiros, ausente em França, 500\$00; de uma irmã que vive em Paris, 1.000

Continua na 6.ª página

Baptizado em França

AGHÈRES, PARIS

No baptizado da filha-neta do Sr. António Domingues, de Prado, uma família que tanto tem contribuído para Santa Rita.



Pela Igreja de Jesus

Atrasada na Redacção)

MAS ISTO É SUBLIME!

O Concílio Vaticano II terminou em glória. Sobre tudo os dias 7 e 8 do mês de Dezembro são extraordinariamente grandes: — A longa procissão dos Padres Conciliares, com as relíquias da Cruz, os beijos

de paz entre os irmãos das diferentes Igrejas, o afectuoso abraço do Papa ao menino doente, ao velhinho, ao cezinho, acompanhado do seu cão... E o levantamento das excomunhões que as duas Igrejas, a Católica e a Ortodoxa haviam formulado. Não há dúvida, terminou em glória o Concílio Vaticano II.

(Continua na 6.ª página)

